



Fórum Nacional da Agricultura - FNA

## GRUPO TEMÁTICO FRUTICULTURA E HORTALIÇAS

### Vantagens comparativas e baixa competitividade

MANOEL DANTAS BARRETO FILHO

**A** fruticultura caracteriza-se por ser extremamente exigente em termos técnicos, envolvendo alta tecnologia de cultivo, que se renova rapidamente a cada instante até a otimização da cadeia de frios utilizada na pós-colheita. Ao mesmo tempo impõe-se convivência sustentada e harmônica com o meio ambiente

**Renda e emprego** — O Brasil é o maior produtor mundial de frutas, produzindo 33 milhões de toneladas, com o PIB do setor atingindo o montante de R\$17 bilhões de reais.

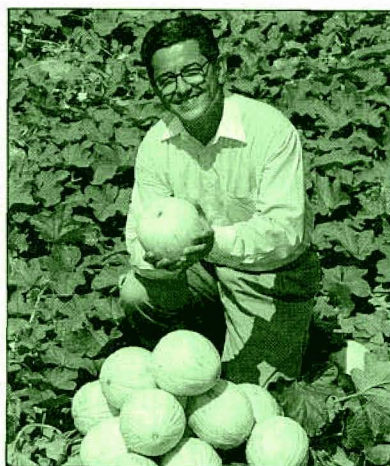
Extremamente demandante de mão-de-obra, o setor frutícola gera 4 milhões de empregos diretos e permanentes, numa área ocupada de aproximadamente 2 milhões de hectares.

Para cada US\$10 mil investidos em fruticultura irrigada, são gerados até 3 empregos diretos permanentes e 2,5 indiretos.

**Empresas** — Destacam-se alguns segmentos mais organizados, como maçã, melão, manga, uva e papaia. Nas demais atividades, nota-se uma certa dispersão das empresas.

Além contudo do segmento cítricolor (laranja), com reconhecida inserção no mercado americano, empresas instaladas no semi-árido nordestino criaram marcas e mercados no exterior, assegurando canais de distribuição na Europa e EUA.

MANOEL DANTAS BARRETO FILHO é presidente da Frunorte. Coordenador do Grupo Temático Fruticultura e Hortaliças no FNA.



Para abertura de novos mercados, o setor investe em tecnologia, realizando parcerias importantes com instituições de pesquisa públicas e privadas.

#### Globalização

A abertura comercial promovida no Brasil ao longo dos últimos cinco anos reveste-se de importância fundamental, na medida em que nos coloca em contato com tecnologias e procedimentos modernos e eficientes, oferecendo perspectivas de acesso a níveis de competitividade para o país, até pouco tempo considerado de economia fechada.

Constata-se, entretanto, que a abertura tem sido promovida sem uma contrapartida que otimize nossa participação nos mercados.

As importações de frutas têm crescido vertiginosamente, passando de US\$90 milhões há quatro anos para US\$400 milhões em 1996.

Essa invasão está diretamente vinculada ao fato de termos globalizado o mercado enquanto mantemos nossos meios de produção atavicamente engessados. Insiste-se no equívoco de não reconhecer a importância estratégica do setor frutícola. Por outro lado, países globalizados recheiam suas frutas com diferenciais competitivos (subsídios) que tornam impossível a concorrência para quem suporta o custo Brasil.

Não há como concorrer com vantagens concedidas na origem por países como Chile e EUA, onde os encargos de financiamentos para comercialização são de 4% ao ano enquanto pagamos entre 3% e 4% ao mês. O custo financeiro de uma operação de custeio no Brasil no período de 1º de julho de 1994 a 30 de agosto de 1996 foi de 122%, enquanto no Chile a mesma operação custou 9,6%. Os tributos acumulados em cadeia atingem entre 25% para o melão e 33% para a maçã, enquanto nos países concorrentes a incidência é zero ou próximo disto.

Precisamos estar atentos para o fato de que globalização é competitividade; para competir, é indispensável contar com condições mínimas de infra-estrutura, tais como: estradas (para que nossas frutas não sofram deformações e danos de aparência devido aos solavancos diante da situação calamitosa das nossas rodovias); saúde e educação (nossos trabalhadores necessitam de saúde e educação para poderem desempenhar suas tarefas e absorver os conhecimentos mínimos de procedimentos e tecnologia); portos

(nossos portos carecem de modernização e agilidade que possibilitem melhorar as condições operacionais, posto que em Natal, por exemplo — um dos melhores do Brasil para frutas — o custo médio de manuseio de um *pallet* é de US\$20, enquanto custa US\$7 a mesma operação em Valparaíso, no Chile.

A ausência de uma política que potencialize e preserve a fruticultura nacional acarreta o desprezo a cuidados elementares adotados em todo o mundo. Destaca-se a questão da fitossanidade, considerada pela maioria dos países como de importância estratégica no mesmo nível da saúde pública.

Apesar de nossos pomares serem classificados (até o momento) como de boa sanidade, principalmente pelas condições climáticas favoráveis, não dispomos de instrumento de monitoramento fitossanitário aceito internacionalmente. Isso é motivo bastante para a maioria dos países usarem tal argumento para impor restrições e exigências quarentenárias à entrada de nossas frutas, criando barreiras desnecessárias, fictícias, ou quando muito perfeitamente contornáveis. Paradoxal é nem sequer adotarmos recíprocas e idênticas restrições em relação à importação de frutas. Ao contrário, permitimos que entrem no Brasil frutas sem qualquer verificação quanto à contaminação por pragas e doenças.

A abertura do mercado brasileiro a frutas importadas não o expôs apenas à concorrência de preços. Junto com os produtos (frutas, legumes, verduras, flores), entram centenas de novas doenças e pragas. Segundo o Ministério de Agricultura, nos 20 anos anteriores a 1994 o Brasil recebia em média 29 pragas/ano. Porém, apenas em 1996, 300 espécies de novas pragas e doenças invadiram o nosso país, através do intenso trânsito de caixas e contêineres em portos e aeroportos. São Paulo responde por 80% desse movimento.

A falta de uma política fitossanitária aumenta o consumo de defensivos agrícolas. Os produtores gastaram US\$1,7 bilhão com defensivos em 1996, 72% mais do que em 1991, com aumento insignificante da área.

Não podemos esquecer pragas como a do bicudo do algodão, que resultou no desemprego de 400 mil trabalhadores nordestinos e de 600 no Sudeste.

Atualmente o minador de citros ameaça a citricultura paulista com perdas ainda não calculadas, enquanto a *bemissia argentifolli* ou mosca branca começa a inviabilizar a produção de frutas na fronteira do Ceará com o Rio Grande do Norte e o cultivo do tomateiro no vale do São Francisco.

Por todos estes aspectos, ao mesmo tempo em que apoiamos e consideramos conceitualmente importante a inserção do Brasil no mercado global, é mais importante ainda atentarmos para que isso não ocorra em detrimento da sobrevivência da fruticultura nacional.

### **Orquestração**

O setor produtivo interage e depende de fatores estruturais ainda não equacionados com a nova realidade. Nesse sentido, o descompasso com os padrões mundiais de competitividade inibe, inclusive e principalmente, a entrada de investimentos externos na atividade frutícola.

É preciso que a orquestração ocorra no sentido de acompanharmos, setor privado e governo, o mesmo diapasão, o mesmo tom e o mesmo passo, decidindo e implementando medidas com a velocidade com que ocorrem as mudanças no cenário globalizado.

### **Novo papel do Estado**

Quando ressaltamos a necessidade de o setor frutícola alcançar padrões de competitividade, mediante a globalização do meios de produção, é importante destacar que o que se pretende nada tem a ver



**Fórum Nacional da Agricultura - FNA**

com medidas protecionistas ou com o ultrapassado Estado paternalista. Espera-se a presença de um Estado atento e ágil, num processo de co-gestão com a iniciativa privada, onde aquele atue como fomentador de um ambiente adequado para a competitividade, portando-se como indutor de políticas eficazes e bem-direcionadas para o fortalecimento da produção competitiva.

Busca-se o equilíbrio competitivo, porquanto a natureza foi generosa nos dando vantagens comparativas. E estas não podem ser desperdiçadas para compensar a ineficiência.

### **FNA — instrumento de articulação**

Observando-se o potencial do Brasil, constata-se que a nossa participação no mercado mundial de frutas é ínfima, podendo atingir rapidamente patamares bem mais significativos a partir de maior interação entre as próprias empresas, bem como através de aproximação e atuação com e no poder público com identidade de objetivos. Essa questão tem sido reiteradamente enfocada no FNA, e com a superação das deficiências organizacionais esperamos focar o planejamento estratégico e delinear, a partir das constatações alcançadas, uma visão de cadeia para o setor.

O FNA detém o mérito de reconhecer, em seu bojo, a necessidade de uma atuação articulada entre governo e setor privado. Baseados nessa premissa, os atores têm conseguido evoluir na elaboração de diagnósticos precisos, apontando e encaminhando propostas viáveis e de conteúdo centrado em metas estabelecidas de forma consensual e tecnicamente corretas.